

CEDI

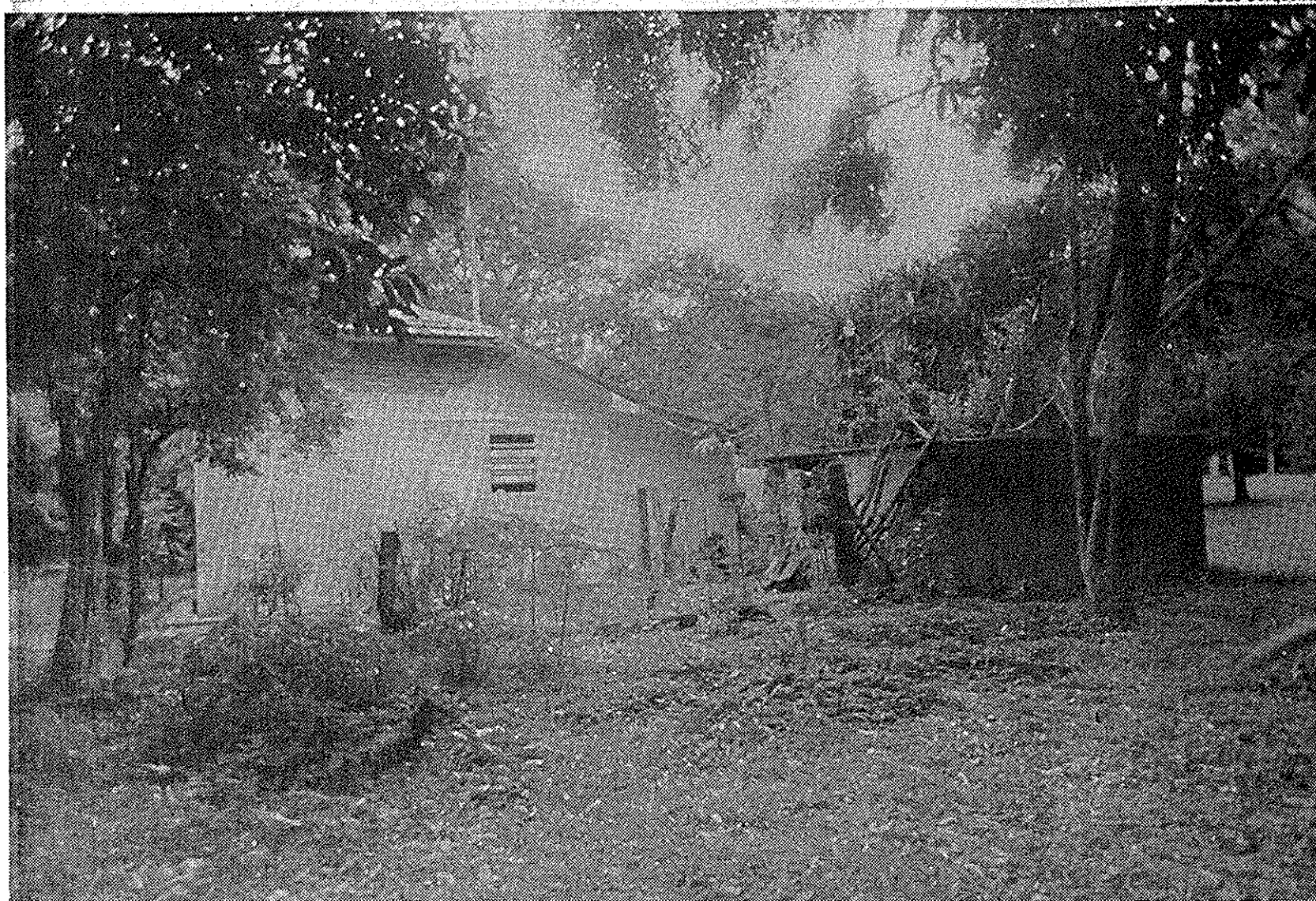
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: Anon de Conservação 25  
 Data: 27/01/94 Pg.: 15

# Jardim Botânico cerca parque contra invasor

Terreno com 1,4 milhão de metros quadrados ganhará defesa para evitar entrada de favelados dos parques da Tijuca e da Cidade

João Cerqueira



O Jardim Botânico do Rio está com dezenas de barracos e casas de classe média erguidos pelos invasores, sem permissão da direção do parque

DENISE TELLES

Enquanto luta para retirar os invasores que há anos ocupam ilegalmente seu terreno com barracos e casas de classe média, a direção do Jardim Botânico acredita ter encontrado a solução para evitar novos habitantes indesejáveis: cercar o terreno do parque, que tem área de 1,4 milhão de metros quadrados. A cerca será levantada nos limites com os parques Nacional da Tijuca e da Cidade, por onde já estão descendo barracos da Favela da Rocinha.

Um grupo de oito funcionários do Jardim Botânico se embrenha na mata há cinco meses para estudar o melhor tipo de cerca a ser adotado. A preocupação é não agredir as espécies da Mata Atlântica e não bloquear a passagem de animais — alguns de grande porte, como o cachorro-domato. Além do cansaço do trabalho, a mata reserva para eles alguns encontros inesperados.

**Tráfico** — A cena que chocou o ministro do Meio-Ambiente e da Amazônia Legal, Rubens Ricúpero, quando de sua visita ao Rio no início do mês — uma barreira de troncos de árvores montada pelo *Comando Vermelho* na Floresta da Tijuca —, não é novidade para quem circula pelas matas da cidade. Para funcionários

do Jardim Botânico, é comum encontrar traficantes no caminho.

Eles, no entanto, não se sentem ameaçados. “O que surpreende é ainda encontrar turistas visitando o Pico da Tijuca ou do Papagaio”, diz José Carlos Eleutério, arqueólogo, 35 anos, funcionário do Ibama, ele compõe com mais sete pessoas — biólogos, botânicos e topógrafos — o grupo que estuda a melhor delimitação para o Jardim Botânico.

**Experiência** — José Carlos frequenta o Parque da Tijuca há oito anos — um de seus primeiros trabalhos foi monitorar a introdução na mata de animais domésticos ou apreendidos na Feira de Acari. Nessa época, ele costumava ver, abaixo da Vista Chinesa, traficantes do bando de *Denise da Rocinha*.

Desde então, José Carlos já aprendeu a identificar alguns sinais. “Se em determinado ponto há uma concentração anormal de lagartos, quer dizer que ali é local de *desova*”, explica. Na última viagem, há um mês e meio, ele presenciou um novo método de assalto. Na Estrada Dona Castorinha, antes da represa das Sete Quedas, no Parque Nacional da Tijuca, assaltantes estendem cipós no meio do caminho e dão o bote quando motoristas param o carro.